

A quantidade em Hegel

Ângela Gonçalves¹

Resumo: O presente artigo tem a finalidade de explicar o que significa a quantidade em Hegel, e, também, a importância crucial da contradição e da identidade da metafísica com a lógica, mostrando para tal, a crítica de Hegel às antinomias kantianas. Explica como ocorre a passagem da qualidade para a quantidade, o que significa o Ser-para-si, que também é um Ser-para-Outro, e, que, o limite entre eles é indiferente e sem determinação, portanto esta indiferença se chama quantidade. Após explica o que é a quantidade pura, identificando e explicando os seus dois momentos: a continuidade e a discricção. Estas grandezas são apontadas por Hegel, com o objetivo de pressupor o quantum, quer dizer, a quantidade com limite. Caracteriza-se o quantum, mostrando suas diferenciações como o número e o grau. Por fim, mostra que Hegel introduz suas discussões sobre a contradição a partir das antinomias kantianas, pois Kant põe para cada antinomia uma contradição. Todavia, Hegel faz críticas a elas em consequência da irresolução que Kant apresenta sobre a unidade dos opostos, porque cada um dos quais, isolados em si mesmos, não tem determinação. Ademais, Kant converte as antinomias em algo subjetivo, portanto irresoluto objetivamente. Kant não valorizou a contradição e negligenciou que cada conceito apresenta sua verdade em seu contraditório.

Palavras- chave: Quantidade. Quantum. Antinomias. Contradição. Opostos.

THE QUANTITY IN HEGEL

Abstract: The present article has the purpose of explaining what the quantity in Hegel means, and also the crucial importance of the contradiction and the identity of the metaphysics with the logic, showing for this, the critic of Hegel the Kantian antinomies. It explains how the passage from quality to quantity occurs, which means Being-for-itself, which is also a Being-to-Other, and that the boundary between them is indifferent and without determination, therefore this indifference is called amount. After explaining what is the pure quantity, identifying and explaining its two moments: continuity and discretion. These magnitudes are pointed out by Hegel, in order to presuppose the quantum, that is, the quantity with limit. The quantum is characterized, showing its differentiations as number and degree. Finally, it shows that Hegel introduces his discussions on the contradiction from the Kantian antinomies, since Kant puts for each antinomy a contradiction. However, Hegel criticizes them as a consequence of the irresolution that Kant shows on the unity of opposites, because each of which, isolated in itself is null, so there is no determination. In addition, Kant converts the antinomies into something only subjective, thus objectively irresolute. Kant did not value the contradiction and neglected that each concept presents its truth in the contradictory.

Keywords: Amount. Quantum. Antinomies. Contradiction. Opposites.

¹ Doutoranda PPG-Filosofia PUCRS. E-mail: angelagoncalvesjolie@gmail.com

1. Introdução

No terceiro capítulo da Ciência da Lógica de Hegel intitulado “O Ser para Si”, item C (A relação da repulsão e da atração), o autor mostra em que sentido o uno é a plena realização do ser para si e da qualidade como um todo. Nos parágrafos deste mesmo item “C” mais adiante, Hegel mostra como se constitui a passagem “da qualidade para a quantidade”.

O uno plenamente desenvolvido é infinito, pois é um processo de relação consigo por meio da suprassunção. Primeiramente este uno realizado negou-se nos múltiplos unos, e, com isso, também nega essa negação e se coloca como relação infinita consigo. O uno plenamente realizado é um juntar-se consigo numa nova imediaticidade simples do ser: a quantidade.

O pressupor-se recíproco da repulsão e da atração suprassumiu qualquer resquício de alteridade qualitativa, entre o uno e os múltiplos, e o qualitativo foi elevado para a unidade não mais imediata, mas uma unidade que interiorizou as diferenças (do ser e do nada, do ser em si e do ser para o outro, do uno e dos múltiplos). No parágrafo 25 do item “C” (A relação da repulsão e da atração), (HEGEL, 2016, p.185) o autor recapitula o percurso da qualidade mostrando os momentos conservados no uno. Em primeiro lugar o uno plenamente realizado é ser enquanto afirmativo, em segundo lugar é ser aí determinado e por último, o uno é ser para si. Ser para si significa que o uno tem uma relação negativa somente consigo, ele é a identidade consigo (ser em si) como relação negativa (ser para outro uno). Resumindo, o uno é o ser em si. Assim que a qualidade se realiza plenamente no uno, a qualidade tem que suprassumir. A continuidade do uno em seus outros, que são igualmente unos faz surgir uma indiferença ao limite qualitativo do uno e, conseqüentemente, gera uma nova esfera categorial, a esfera da quantidade.

1. Ser-para-si

É preciso esclarecer o Ser-para-si, porque ele é também um Ser-para-Outro, o limite entre eles é indiferente e flutuante, a determinação não é fixa e é justamente essa não delimitação, esta indiferença que se chama quantidade.

Hegel define assim o Ser-para-Si:

No ser para si o ser qualitativo está plenamente realizado; ele é o ser infinito. O ser do início é sem determinação. O ser aí é o ser suprassumido, mas apenas imediatamente suprassumido; ele contém assim, inicialmente, apenas a primeira negação, ela mesma, imediata; o ser está, com efeito, igualmente conservado e ambos, unidos no ser aí em unidade simples, mas, precisamente por isso, em si, ainda desiguais um para com outro e a unidade deles ainda não está posta. O ser aí é, por isso, a esfera da diferença, do dualismo, o campo da finitude. A determinidade é determinidade como tal, um ser determinado relativo, não absoluto. No ser para si está posta e igualada a diferença entre o ser e a determinidade ou negação; qualidade, ser outro, limite, como realidade, ser em si, dever ser etc. são as configurações [Einbildungen] imperfeitas da negação no ser, como aquelas nas quais a diferença entre ambos está ainda no fundamento. Mas, na medida em que na finitude a negação passou para a infinitude, para a negação, ela é relação simples consigo, portanto, o igualamento nela mesma com o ser, - ser determinado absoluto.

Essa unidade simples, essa nova forma é o ser simples que Hegel chama de “uno”.

Segundo (TAYLOR, 2014, p. 275), “aqui o uno não só é indiferenciado, mas também sem qualidade específica; ele não pode ser contrastado qualitativamente com outros, só numericamente. ‘O uno tem que existir como um entre muitos’”.

Segundo o raciocínio de (HEGEL, 2016, p. 193) “a qualidade é a determinidade primeira e a quantidade é a determinidade que se tornou indiferente ao ser, um limite que não é limite algum; [é] o ser para si que é pura e simplesmente idêntico ao ser para outro, - a

repulsão dos múltiplos unos que é imediatamente não repulsão, continuidade dos mesmos”. Esta continuidade dos unos homogênea e indiferente, mas distinta, são momentos da quantidade. O indiferente para Hegel diz respeito que as coisas podem aumentar ou diminuir em sua extensão sem mudar sua natureza. A quantidade é gerada a partir da repulsão e da atração dos unos. Para ilustrar a definição de quantidade, Charles Taylor diz:

Ora, isso pressupõe que podemos tratar a realidade assim abordada como homogênea, isto é, não particionada por diferenças qualitativas, e também como divisível em unidades, isto é, em “unos” distintos. Consequentemente, ao derivar distinção e homogeneidade dos unos, derivamos a categoria de quantidade.

3. Quantidade Pura

A quantidade pura, pode-se dizer, é o ser para si suprassumido, não admite diferenciação quantitativa, ou seja, indiferença dos múltiplos unos. Repulsão e atração formam uma unidade, é um e o seu outro e são momentos da continuidade. Orsini define a quantidade pura sendo não quieta ou estável (Seminário Hegel). A quantidade pura é o resultado do jogo de atração e repulsão do ser para si, é movimento. Estas forças ao adentrar no campo da quantidade, assumem cada uma figura própria, porém indissociáveis: “Desse modo, a atração é como o momento da continuidade na quantidade, continuidade que traz dentro de si a repulsão como discrição e a atração como continuidade”. (HEGEL, 2016, p. 197).

Segundo (MCTAGGART, 1910, p. 45), “A Quantidade pura, então, não sendo nada, apenas a noção geral da Quantidade, é idêntico com o último estágio da Qualidade, exceto que nós agora estamos considerando somente os resultados ganhos, e não o processo- o equilíbrio da repulsão e da atração”. Agora, atração e repulsão, na quantidade, são chamados de continuidade e discrição. Daí o duplo caráter da quantidade: continuidade e discrição.

Uma outra definição de quantidade pura, vem corroborar para maior clarificação deste conceito. Cirne Lima diz:

O Um ao mesmo tempo se repele e se atrai. Enquanto ele se atrai e se refere a todos os outros Um, a si mesmo, essa Atração é uma forma de continuidade do Um que se reitera e se replica. Essa continuidade é a unidade imediata dos muitos Um: cada Um está fora do outro Um, mas todos se referem ao Um original, todos o contêm e dele se originam. Quando se diz que cada Um está fora do outro, já estamos apontando para a característica da Quantidade pura: *partes extras partes*. A ênfase está na indeterminação da unidade indiferenciada que veste aqui uma roupagem ambígua: Estamos querendo expressar a atração ou a repulsão? A continuidade ou a descontinuidade?

Nesta citação de Cirne Lima, entende-se que a quantidade pura é constituída de duas partes: a continuidade e a discrição. A citação supracitada refere-se só ao momento da continuidade. A outra característica da quantidade pura está sendo apontada como “a outra parte”, ou seja, a discrição. Porque quando “cada Um está fora do outro Um”, refere-se à continuidade e esse “outro Um” refere-se ao no momento da discrição.

3.1 Continuidade E Discrição

A quantidade pura é a unificação de dois fatores, a saber, a continuidade e a discrição. A atração dá origem à continuidade e a repulsão corresponde à discrição. A compreensão da quantidade pura só é alcançável na inseparabilidade destes dois momentos. Aquilo que enlaça estes dois momentos é justamente a quantidade pura, ou seja, não admite mais diferenciação qualitativa.

A unidade destes momentos, da continuidade e da discrição, é o resultado do jogo entre atração e repulsão; Hegel diz “que a quantidade é a unidade desses momentos, da continuidade e da discrição, mas ela é isso, inicialmente, na forma de um dos mesmos, da *continuidade*” (HEGEL, 2016, p. 198). Continuidade que é a

reposição da imediatidade através da determinação própria do ser para si em sua verdade, é o relacionar-se a si mesmo que se supera, o eterno sair de si. Mas o repellido é ele mesmo; a repulsão, pois é o fluir para fora de si que se engendra. Devido à qualidade de estar aí do repellido, este discernir é continuidade interrompida; e em consequência ao sair fora de si, esta continuidade, sem ser interrompida, é ao mesmo tempo multiplicidade que é igualdade consigo mesma. A quantidade contém ambas, continuidade e discrição como momentos, mas imediatamente é grandeza contínua, um todo que é unidade compacta como unidade do discreto. Quando esta imediatidade é superada, esta é o um. Aqui a quantidade é grandeza discreta. A quantidade é um todo, grandeza discreta e contínua. Ela é ser fora um do outro em si e pode ser posta de dois modos: enquanto se continua a si mesmo sem negação (grandeza contínua), já enquanto não contínua, enquanto interrompida é grandeza discreta. Não obstante, porque a grandeza discreta é quantidade, sua discrição mesma é contínua, quer dizer que esta continuidade na discrição consiste que os uns são o mutuamente igual, têm a mesma unidade. São muitos de uma mesma unidade.

Convém ressaltar que a passagem da continuidade para a discrição, é a continuidade de muitos uns, continuidade de discretos e a passagem da discrição de volta à continuidade, por sua vez, consiste em perceber que estes muitos uns, nada mais são que unidades, e enquanto tais, são todos iguais. O fato de serem todos iguais(unidades), garante novamente a continuidade destes. É importante perceber que, neste momento, a continuidade somente está interrompida, não limitada. A unidade é a suspensão do um, a posição da discrição na continuidade.

Hegel diz “Mas a quantidade é unidade concreta apenas na medida em que é unidade de momentos diferentes” (HEGEL, 2016, p. 211). A quantidade discreta e a quantidade contínua estão contidas uma na outra. Ambas são “a quantidade toda”.

McTaggart tem um posicionamento diferente de Hegel em relação à grandeza contínua e à grandeza discreta. Ele diz:

A grandeza contínua foi formada passando de um a um em virtude de sua continuidade uns com os outros. Mas cada um é como realmente discreto de todos os outros como é contíguo com eles. E isso coloca em nosso poder para parar em qualquer um que gostamos, e não para continuar no próximo. Podemos assim formar uma quantidade finita começando em qualquer ponto e terminando em qualquer outro ponto. E essa quantidade, cortada pela discretividade da quantidade indefinida além dela, será uma quantidade finita. Na quantidade indefinida novamente, outras quantidades finitas podem ser formadas e, assim, obtemos pluralidade de quantidades finitas. Na forma deste estágio, como apresentado por Hegel, parece haver dois defeitos. O primeiro é que não é dada razão porque devemos passar da quantidade pura para o novo estágio. O segundo é que, embora a grandeza contínua e discreta não seja dividida em tríade subordinada, ainda há um avanço dialético distinto dentro dele, ou seja, de grandeza contínua à discreta. Esses defeitos me parecem ser apenas uma questão de arranjo em toda quantidade pura, uma vez que, como pura, não permite uma quantidade definida ou de uma quantidade total.

Parece que McTaggart não vê a necessidade de Hegel fazer distinção entre grandeza discreta e grandeza contínua, neste momento (quantidade pura), justamente porque ela não aceita quantidade definida. Mas por outro lado, pensa-se que são necessárias estas duas grandezas, porque Hegel tem uma finalidade: a quantidade é discreta como limitação da quantidade contínua, ou seja, uma quantidade discreta recolhe unos discretos dentro de uma e mesma unidade. É explícita a inseparabilidade da continuidade e da discrição, e, ao mesmo tempo, constitui a passagem para o quantum. Hegel mostra estas grandezas da quantidade pura para pressupor o “*quantum*”, quer dizer, a quantidade com limite.

3.2 Limite Da Quantidade

Aqui Hegel quer mostrar que as grandezas se tornam o limite uma da outra. O limite é o ponto negativo em que uma grandeza discreta termina e outra começa. Portanto, o que começa não pode ser qualitativamente diferente do que termina, somente uma outra grandeza discreta que na continuidade no discreto a torna indiferente com sua equivalente.

A grandeza discreta tem por princípio o uno, depois a pluralidade dos unos e por último ela é contínua. O que torna determinada a quantidade é a limitação mútua por meio do uno enquanto “limite que circunscreve e que inclui” (HEGEL, 2016, p. 213). O que significa limite que circunscreve e inclui? O “circunscrever” é a diferenciação entre grandeza discreta e grandeza contínua. É determinar, pôr um limite na unidade, que segundo Orsini é “a ação de diferenciar a grandeza discreta da grandeza contínua. Circunscreve significa determinar, isto é, pôr um limite na unidade entendida como fluxo contínuo, indiferenciado dos múltiplos unos”.

O incluir diz respeito à ação de pôr os unos dentro da quantidade discreta como suprassumidos, quer dizer, dentro da quantidade que ele mesmo circunscreve.

Pode-se dizer que a quantidade limitada é continuidade limitada e esta forma obtém o nome da “quantum”. A passagem da quantidade para o quantum é uma transformação intrínseca à quantidade e necessária.

4. Quantum

Hegel, no segundo capítulo da Lógica denominado “Quantum”, inicia mostrando as diferenciações do quantum como número, grau e posto como infinitude quantitativa (quantum extensivo e intensivo).

Hegel diz no início do capítulo supracitado que “O quantum –inicialmente quantidade com uma determinidade ou limite em geral- é, na sua determinidade perfeita, o número”. (HEGEL, 2016, p. 213). A quantidade contém dentro de si o uno, o ser determinado absoluto. Este uno é o princípio do quantum, entretanto é o uno como uno da quantidade. Se o quantum é quantidade, mas com um limite, tanto a grandeza discreta quanto a grandeza contínua passam a ser quanta. O número; a quantidade é aqui um *quantum* e possui um limite, quer dizer, ela é delimitada tanto em sua continuidade quanto em sua descrição. O quantum possui características que são a saber: (i) o quantum é uma grandeza contínua ou unidade; (ii) é uma grandeza discreta; (iii) o quantum é uma grandeza discreta delimitada em relação aos outros quanta. Infere-se disso que o quantum é imediatamente plural, quer dizer, implica uma pluralidade de quanta. Hegel diz que “O uno é, nesse aspecto, a) limite que *se relaciona consigo*, B) limite que *circunscreve* e y) limite que *exclui outro*. E ademais, diz que “O quantum posto completamente nestas determinações, é o número”. (HEGEL, 2016, p.216). Outra definição de número é “O *Quantum*, quando pensado com o Limite como única determinação, é simplesmente o Número”. (LIMA, 2006, p. 51).

Esse Um, pode-se dizer, é a continuidade da quantidade, é o princípio da descontinuidade, e, conseqüentemente, a unidade da descontinuidade e da continuidade. Ele refere a si mesmo em sua unidade e deixa sair de si a multiplicidade dos muitos Um, também engloba em si tanto a continuidade quanto a descontinuidade.

Hegel diz que enquanto o *quantum* é número, este limite está posto como “*múltiplice dentro de si mesmo*” (HEGEL, 2016, p.216). O quantum contém os múltiplos unos, mas não os contém de forma indeterminada, porém a determinidade dos limites recai sobre eles. Hegel analisa os dois momentos do número: *valor numérico e a unidade*. Hegel analisa a constituição interna de um número.

O valor numérico corresponde ao momento da discrição, ao passo que a unidade corresponde ao momento da continuidade. Os unos circunscritos pelo quantum são uma quantia determinada, quer dizer, o valor numérico. Segundo Orsini:

O limite do número não está separado dos unos, mas se baseia inteiramente neles. Este limite é o *valor numérico* dos unos. O valor numérico, sendo uma quantia determinada de unos, é a continuidade limitada ou interrupta dos unos. Nada separa os unos uns dos outros (os unos são contínuos), mas seu valor numérico é o aspecto da continuidade determinada pelo qual o fluir para além de si de cada uno não prossegue ao infinito, mas para. Como a quantia é constitutiva do número, o ato de parar não é externo ao número, mas é devido ao próprio número. O número não precisa do contraste com algo diferente para ser circunscrito, porque o número limita a si mesmo por meio de seu próprio valor numérico.

O número consiste de múltiplos unos, os quais não são um fluxo ininterrupto, mas formam uma unidade. Os unos que formam o número são chamados ordinariamente de “unidades”. A unidade é inseparável do valor numérico. Por conter em si mesmo os dois momentos da quantidade, discrição- enquanto é um- e continuidade- enquanto é unidade, o número é capaz de internalizar esta diferença nas figuras da unidade e da quantia. A quantia não é uma multiplicidade frente aos uns limitados, incluídos, mas sim constitui ela mesma este limite, o qual é um quantum determinado. Os muitos fazem um número, um dois, um dez, um cem, etc. O um que limita é agora o ser determinado frente a outros, diferenciação do número de outros.

4.1 Quantum, Infinitude E Grau

Assim como a quantidade que só pode ser apreendida em sua dupla figura de continuidade e discrição, o quantum também se apresenta em duas figuras: o quantum extensivo e o quantum intensivo, o grau. Cabe destacar que grandeza extensiva e intensiva

não se confunde com grandeza contínua e discreta: grandeza extensiva e intensiva são determinidades do limite quantitativo, enquanto que continuidade e discricção são determinações da grandeza em si, isto é, da quantidade enquanto tal, na medida em que se abstraia do quantum o limite. O número internaliza estes dois momentos (continuidade e discricção) e se põe como o quantum. A grandeza extensiva, é o quantum que tem seu limite na quantia. Quantum extensivo é a determinidade simples, é como valor numérico de uma e mesma unidade. Quantum intensivo não contém pluralidade de unos dentro de si. O que desaparece é sua forma extensiva, ele não é um múltiplo dentro de si, ele é determinidade simples, ou seja, grandeza intensiva.

Segundo McTaggart,

Quantum extensivo e intensivo diferem um do outro de maneira análoga à diferença entre grandeza contínua e discreta. A diferença entre o novo par de termos e o antigo par é que extensivo e intensivo refere somente ao limite quantitativo, e, como o quantum é idêntico ao seu limite, eles se aplicam ao Quanta. Nós temos primeiro o quantum extensivo. Esta concepção é idêntica com aquela do número, exceto que esta determinação é agora explicitadamente posta como a pluralidade. [...] O quantum intensivo tem certa pluralidade, mas subordinado à unidade.

A exterioridade que constituía os uns da multiplicidade, desaparece no um enquanto relação do número a si mesmo. Nesta interiorização do limite, a determinidade advém simples: eis o grau. O grau é uma grandeza determinada, um quantum, mas não é uma multidão, ou seja, não um plural dentro de si mesmo; é só uma pluralidade; a pluralidade é o plural reunido numa determinação simples, o ser aí que voltado para o ser para si.

Então, a grandeza extensiva é a posição da discricção na continuidade. Ao passo que a grandeza intensiva é a posição da continuidade dentro da discricção.

Grau para Hegel é:

O grau é portanto, grandeza determinada, quantum, mas não, ao mesmo tempo, quantia ou [um] vário [*Mehreres*] dentro de si mesmo; ele é apenas uma *variedade*; a *variedade* é o vário recolhido na determinação *simples*, o ser aí que retornou para o ser para si. Sua determinidade precisa, com efeito, ser expressa por um *número* como o ser determinado do quantum, porém, não é como *valor numérico*, mas *simples*, apenas *um* grau. Quando se fala de 10, 20 graus, o quantum que tem tantos graus é o décimo, vigésimo grau, não é o valor numérico e a soma dos mesmos, - assim, ele seria um extensivo; mas ele é apenas *um*, o décimo, vigésimo grau. Ele contém a determinidade que está no valor numérico dez, vinte, porém não contém estes valores como vários, mas é o número como valor numérico *suprassumido*, como determinidade *simples*.

O grau não é uma quantidade extensiva, mas intensiva, é o *um* dos vários, são os vários reunidos, recolhidos no ser aí, na determinidade *simples*. O valor numérico suprassumiu-se e está posto fora do número.

5. Breves Considerações Sobre Antinomias Em Kant E A Crítica De Hegel As Mesmas.

A lógica hegeliana tem dois grandes momentos: a contradição e a identidade da metafísica com a lógica. Hegel introduz suas discussões sobre a contradição através das antinomias kantianas, que aparecem na Crítica da Razão Pura. Cada antinomia kantiana põe uma contradição, e é justamente esse o motivo pelo qual Hegel acentua a importância de sua posição no sistema kantiano.

Nas denominadas Antinomias da Razão Pura, é onde são apresentados os problemas aparentemente irresolúveis para a razão. Consistem, em primeiro lugar, no problema dos limites da extensão do todo dos fenômenos no espaço e no tempo; questionam os limites da composição de cada fenômeno; e tratam ainda da existência de um começo possível para as séries de determinação

dentro de todo os fenômenos, e, por fim, da existência de um ser necessário como fundamento da série dos fenômenos. As ideias cosmológicas, que levam a razão aos seus limites últimos no que diz respeito às questões do incondicionado da divisão ou da extensão materiais, reivindica uma relação muito determinada com os objetos da experiência, mas, segundo Kant, a resposta às questões que são próprias a estas ideias não poderia ser encontrada nem entre as coisas em si mesmas, nem em alguma experiência. Logo, só resta tratar-se de um assunto interno da razão.

Kant argumenta que se a oposição entre tese e antítese for considerada como não uma oposição contraditória, mas dialética, não há um verdadeiro impasse para o sistema, e a dificuldade pode ser superada. O que significa dialética para Kant? Consiste nos sofismas que a razão cria quando atribui realidade objetiva a alguns objetos como Deus, mundo e alma, sem dispor de qualquer premissa empírica. Neste caso a antinomia representa uma inferência sofisticada, pois a razão se encontra numa situação de apreender o “conceito transcendental da totalidade absoluta da série de condições de um fenômeno dado em geral (KANT, 1989, [A 340/B 398] p. 352). Sobre o termo antinomia, informa Torralba: “De origem grega, o vocábulo procede do léxico jurídico: a antinomia tem lugar quando para julgar ou resolver um mesmo caso, existem duas leis contrapostas. Pode-se dizer que significa a oposição de duas proposições ou princípios quando ambos possuem justificação suficiente. A antinomia é apenas aparente quando a oposição pode ser desfeita, é real quando não há modo de resolvê-la. (TORRALBA, 2009, p. 68). Kant se serviu do termo para descrever aspectos primordiais de sua crítica da razão.

Kant demonstra que para cada uma das quatro antinomias, duas proposições são afirmadas em relação ao mesmo objeto, no entanto, ainda que sejam opostas, cada uma das proposições é afirmada com a mesma necessidade, sendo inútil a tentativa de impor a veracidade de uma sobre a outra. Sendo assim, cada uma

coloca uma contradição, é esse o motivo pelo qual Hegel pontua a importância de sua exposição no sistema kantiano.

Kant resolve suas antinomias desta maneira: com respeito às duas primeiras, que realizam uma síntese matemática dos fenômenos, mostra que tanto a tese como a antítese são falsas, porque são inviáveis epistemologicamente predicando ao fenômeno algo que só pertence à coisa em si. Ao contrário, nas outras duas antinomias, que realizam uma síntese dos fenômenos, ambas podem ser verdadeiras tendo-se em conta que se referem a esferas distintas: a do fenômeno e a da coisa em si. Mas as antinomias aparentam uma ilusão transcendental. É por isso que na seção Dialética da primeira crítica, “[...] desmascarar a falsa aparência de tais presunções sem fundamento e reduzir as suas [...] à simples ação de julgar o entendimento puro e acautelá-lo de ilusões sofisticas” (KANT, 1989, [A 64/B 88], p. 122). Quer dizer, o próprio Kant, não poupa censuras às pretensões ilegítimas da razão pura a conhecer o absoluto.

Apesar de reconhecer os méritos de Kant em seu sistema, como apresentar uma dialética transcendental na lógica, Hegel faz críticas ao sistema kantiano. A primeira é que a antinomia é encontrada em todos os tipos de objetos, em toda e qualquer representação (ideia, conceito), não há absolutamente nada em lugar nenhum em que a determinação oposta (contradição) não possa e não deva ser exposta. Em segundo lugar, as quatro antinomias kantianas devem ser libertadas para além da nossa razão, quer dizer, não são apenas nossos pensamentos, mas concomitantemente o em-si das coisas e o ser objetivo em geral. Ademais, na concepção hegeliana, as antinomias kantianas não compreenderam nada além dos momentos opostos da contradição isoladamente, quer dizer, ou uma coisa ou outra. A dialética hegeliana diz nem uma coisa nem outra, mas uma terceira, que é o resultado de uma alteração de perspectiva sobre o conceito em causa. Outra falha é que Kant toma as contradições como pertencentes somente à razão pensante, e, não à essência das coisas

do mundo. Hegel quer enfatizar que a contradição está na própria essência do mundo mesmo. Também as antinomias falham, porque Kant converte as antinomias em algo subjetivo, portanto, irresoluto objetivamente. Na relação antinômica, Kant considera somente unilateralmente a dialética. Hegel diz que a solução está na recíproca suprassunção. Kant ainda afirma que a antinomia é uma ilusão, portanto, se é induzido a impossibilidade da razão conhecer a coisa em si, o que não procede para Hegel.

O que Hegel apresenta ao momento dialético da filosofia kantiana é o momento positivo da contradição, quer dizer, a compreensão da unidade dos contraditórios com o objetivo de mostrar que cada conceito tem sua veracidade em seu contraditório. Para a crítica hegeliana, a solução kantiana não chega à natureza do conceito, porque cada um dos opostos, isolado em si mesmo na sua unidade, é nulo, pois só se determina no passar em seu outro.

6. Considerações finais

Pode-se concluir que apesar de Kant ter tido mérito ao elevar a lógica ao transcendental, caiu em vários erros, segundo Hegel.

A contradição está presente em tudo, em todas as coisas, pois todo movimento em Hegel requer contradição. Dessa forma, a metafísica é a verdadeira natureza das coisas, é a metafísica da contradição. Com tal metafísica, a lógica se identifica, apresenta as próprias determinações do pensamento, por isso é também a lógica da contradição. Ademais, para a crítica hegeliana, a solução kantiana não chega à natureza do conceito, ela (a solução) deixa desvalorizado o conteúdo da própria antinomia. Outro erro kantiano é deixar de lado a unidade dos opostos, cada um dos quais, isolado em si mesmo, é nulo e não há determinação, senão no transpassar no seu outro- o que faz menção à dialética do início da lógica- o transpassar do ser no nada, e vice-versa, é suprassumido no conceito de devir. A solução das antinomias está no conjunto dos opostos. O especulativo é a compreensão da unidade dos contraditórios, ou seja, a negação

da negação, sendo assim, esta unidade consiste em mostrar que cada conceito apresenta sua verdade em seu contraditório.

Ademais, Kant converte as antinomias em algo somente subjetivo, portanto irresoluto objetivamente. Em consequência disso, o autor apreende somente uma perspectiva unilateral da dialética na relação antinômica. Tese e antítese devem ser consideradas na sua supressão e não afirmar que a antinomia é uma ilusão, que não é real.

Hegel percebeu as dificuldades em que caía o idealismo subjetivo ao considerar somente o subjetivo e ao deixar de lado o objetivo. Hegel é um idealista objetivo, isso significa que a lógica do pensamento e do mundo é a mesma ao passo que Kant é um idealista subjetivo; o mundo é a minha representação, o mundo é constituído pela mente.

Bibliografia

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Ciência Da Lógica. 1. A doutrina do Ser*. Petrópolis: Vozes Editora, 2016.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Compêndio I: A Ciência da Lógica*. São Paulo: Loyola Editora, 1995.

KANT, Imanuel. *Crítica da Razão Pura*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian: Editora, 1989.

LIMA, Carlos Cirne. *Depois de hegel uma reconstrução crítica do sistema neoplatônico*. Caxias do Sul: Educs, 2006.

MCTAGGART J, Mctaggart e. *A Commentary on Hegel's Logic*. Cambridge: University Press Editora, 1910.

ORSINI, Federico. *Seminário Introdução à Doutrina do Ser (1832) da Ciência da Lógica de Hegel: A Lógica da Quantidade e da Medida*.

TAYLOR, Charles. *Sistema, Método e Estrutura*. São Paulo: Realizações Editora, 2014.

TORRALBA, José María. *Antinomia*. In: GONZÁLEZ, A. L (ed.). *Diccionario de Filosofia*. Pamplona: Eunsa, 2009.